Elegia do Amor

I
Lembras-te, meu amor,
Das tardes outonais,
Em que íamos os dois,
Sozinhos, passear,
Para fora do povo
Alegre e dos casais,
Onde só Deus pudesse
Ouvir-nos conversar?…
Tu levavas na mão
Um lírio enamorado;
E davas-me o teu braço
E eu, pálido, sonhava
Na vida, em Deus, em ti…
E ao longe, o sol doirado
Morria, conhecendo
A noite que deixava…
Harmonias astrais
Beijavam teus ouvidos,
Um crepúsculo terno
E doce diluía
Na sombra, o teu perfil
E os montes doloridos…
Erravam, pelo azul,
Canções do fim do dia…
Canções que, de bem longe,
O vento vagabundo
Trazia, na memória…
Assim o que partiu
Sobre as águas do mar
E vem de ver o mundo,
Traz, no seu coração,
A imagem do que viu…
Olhavas para mim,
Às vezes, distraída,
Como quem olha o mar,
À tarde, dos rochedos…
E eu ficava a sonhar,
Qual onda adormecida,
Quando o vento também
Dorme nos arvoredos…
Olhavas para mim…
Meu corpo rude e bruto
Vibrava, como a onda
A erguer-se em nevoeiro!
Olhavas descuidada…
Oh dor, ainda hoje escuto
A música ideal
Do teu olhar primeiro!
Ouço bem tua voz,
E vejo bem teu rosto,
No silêncio sem fim,
Na escuridão completa!

Ouço-te em minha dor,
Ouço-te em meu desgosto;
Vejo-te em meu sonho
Eterno de poeta!
O sol morria ao longe…
E a sombra da tristeza
Velava com amor
Nossas doridas frontes…
Hora em que a flor medita
E a pedra chora e reza
E erguem as mãos de bruma
Ao céu, as tristes fontes…
Hora santa em que nós,
Felizes e sozinhos,
Íamos através
Da aldeia muda e calma,
Mãos dadas, a sonhar,
Ao longo dos caminhos…
Tudo em volta de nós
Tinha um aspecto de alma!
Tudo era sentimento,
Amor e piedade…
A folha que tombava
Era alma que subia…
E, sob os nossos pés,
A terra era saüdade,
A Pedra comoção
E o pó melancolia…
Falavas do luar,
Dos bosque, mais do amor;
Dos ceguinhos sem pão,
Dos pobres sem um manto…
Em cada tua palavra
Havia etérea dor;
Por isso a tua voz
Me impressionava tanto!
E ficava a cismar
Que eras tão boa e pura,
Que, em breve, oh dor fatal,
Te chamaria o céu!
E soluçava ao ver
Alguma sombra escura,
No teu rosto que o luar
Cobria, como um véu…
A tua palidez
Que medo me causava!
Teu corpo era tão fino e leve,
(Oh meu desgosto!)
Que eu tremia, ao sentir
O vento que passava!
Caía-me na alma
A neve do teu rosto!…
Como eu ficava mudo
E triste sobre a terra!
E, uma vez, quando a noite

Amortalhava a aldeia,
Tu gritaste de susto,
Olhando para a serra:
— “Que incêndio!” — E eu, a rir,
Disse-te: — “É a lua cheia!”
E sorriste também
Do teu engano… E a lua
Ergueu a branca fronte
Acima dos pinhais,
Tão ébria de esplendor,
Tão casta e irmã da tua,
Que eu beijei, sem querer,
Seus raios virginais!…
E a lua para nós
Os braços estendeu…
Uniu-nos num abraço,
Esplêndido e profundo;
E levou-nos aos dois,
Com ela, até ao céu…
Somente, tu ficaste
E eu regressei ao mundo!…

II

Um raio de luar,
Entrando, de improviso,
No meu quarto sombrio,
Onde medito, a sós,
Deixa a tremer, no ar,
Um pálido sorriso,
Um murmúrio de luz
Que lembra a tua voz…
O Outono, que derrama
Ideal melancolia
Nas almas sem amor,
Nos troncos sem folhagem,
Deixa a vibrar, em mim,
Saudosa melodia,
Dolorida canção,
Que lembra a tua imagem…
A noite que escurece
As almas e ou outeiros,
Mas que acende, num bosque,
A voz do rouxinol
E a estrela que protege
E guia os pegureiros,
A lágrima do céu
Ao ver morrer o sol,
Acorda, no meu peito,
Etérea e infinda dor,
Que à memória me traz
A luz do teu olhar…
Tudo de ti me fala,
Ó meu longínquo amor!
As árvores, a terra,
Os rouxinóis e o mar!

Se passo por um lírio,
Às vezes, distraído,
Chama por mim, dizendo:
“Oh, não te esqueças dela!”
Diz-mo o mesmo, chorando,
O vento dolorido;
Diz-mo a fonte, a cantar,
Diz-mo, a brilhar, e estrela!
E vejo em toda a luz
Teus olhos a fulgir.
Como descubro em tudo,
A alma que perdi!
Não encontro uma flor,
Sem o teu nome ouvir…
Não posso olhar o céu,
Sem me lembrar de ti!…
Por isso, eu amo o pobre,
O triste e a Natureza,
A mãe da humana dor,
Da dor de Deus a filha!
Meu coração ao pé
Dum pobrezinho, reza;
Canta ao lado dum ninho,
Ao pé da estrela, brilha!…
O meu amor por ti,
Meu bem, minha saüdade,
Ampliou-se até Deus;
Os astros abraçou…
Beijo o rochedo e a flor,
A noite e a claridade…
São estes, meu amor,
Os beijos que te dou!
Hás-de senti-los, sim.
Doce mulher de outrora,
Ó roxo lírio de hoje,
Ó nuvem actual!
Como, dantes, teu rosto,
A rosa ainda hoje cora…
Beijo-te sim, beijando
A rosa virginal…
Vêm doirar o teu perfil
Teus olhos, dos espaços,
Teu amor, feito luz,
Desce do Firmamento.
Se abraço um verde tronco,
Eu sinto entre os meus braços,
Teu corpo estremecer,
Como uma flor, ao vento!
Soluça a tua dor
Nas infinitas mágoas
Que no fundo da tarde,
Ao céu, vejo subir…
Ouço bem tua voz
No marulhar das águas,
No murmúrio que sai

Das pétalas a abrir…
Se os lábios vou molhar
Nas águas duma fonte,
Queimam meu coração
Tuas lágrimas salgadas…
E, quando acaricia
O vento a minha fronte,
Eu bem sinto sobre ela,
As tuas mãos sagradas!…
Quando, à noite, no Outono,
A lua, a branca Ofélia,
Morta, vai a boiar
Nas águas do Infinito,
Sinto doirar meu rosto
A palidez etérea,
Que, dantes, emanava
O teu perfil bendito…
Quando, em manhãs de Abril,
Acordo, de repente,
E vejo, no meu quarto
O sol entrar, sorrindo,
Julgo ver, ante mim,
Teu corpo resplendente,
Tua trança de luz,
Teu gesto suave e lindo…
Descubro-te, mulher,
Na Natureza inteira,
Porque entendo a floresta,
A névoa, o céu doirado,
A estrela a arder no Azul,
A lenha na lareira
E o lírio que na cruz
Do Outono, está pregado!
Falas comigo, sim,
Da dor, do bem, de Deus…
Repartes o meu pão,
Amor, pelos ceguinhos…
E pelas solidões,
Os pobres versos meus,
Como os pobres que vão,
A orar, pelos caminhos…
És a minha ternura,
A minha piedade,
Pois tudo me comove!
O zéfiro mais leve
Acende, no meu peito,
Infinda claridade;
E a brancura do lírio
Enche meu ser de neve…
Todo eu fico a cismar
Na triste voz do vento,
Na atitude serena
E estranha duma serra;
No delírio do mar,
Na paz do Firmamento

E na nuvem, que estende
As asas, sobre a Terra!
Todo eu fico a cismar,
Assim como esquecido,
Ante a flor virginal
E o sol enamorado…
Ante o luar que nasce,
Ao longe, dolorido,
Dando às cousas um ar
Tão triste e macerado…
Todo eu fico a cismar…
Um vago e etéreo laço
Prende-me ao teu imenso
E livre coração,
Que abrange toda a Terra
E ocupa todo o espaço,
E que vai povoar
A minha solidão!
Por isso, eu vivo sempre,
Em doce companhia,
Com o pobre que pede
E a estrela que fulgura…
E assim meu coração,
Igual à luz do dia
Derrama-se no céu,
Em ondas de ternura…
Sou como a chuva e o vento
E como a bruma e a luz…
Lira que a mais suave
Aragem faz vibrar…
Água que, ao luar brando,
Em nuvens se traduz…
Fruto que amadurece
À luz dum só olhar!
Pedra que um beijo funde
E místico vapor,
Que um hálito condensa
Em cada gota de água…
Aroma que um só ai
Encarna em triste flor,
Riso que muda em choro
A mais pequena mágoa…
Vivo a vida infinita,
Eterna, esplendorosa;
Sou neblina, sou ave,
Estrela e céu sem fim,
Só porque, um dia, tu,
Mulher misteriosa,
Por acaso, talvez,
Olhaste para mim…

Teixeira de Pascoaes, *Elegia do Amor*, versão transcrita de *Poesia de Amor, Antologia Portuguesa*, selecção e prefácio de José Régio e Alberto de Serpa, Livraria Tavares Martins, Porto, 1945. [Testo copiaincollato il 16 marzo 2022 dall'URL https://viciodapoesia.com/2016/12/28/teixeira-de-pascoaes-elegia-de-amor/,

Wayback Machine:
http://web.archive.org/web/20220316134045/https://viciodapoesia.com/2016/12/28/teixeira-de-pascoaes-elegia-de-amor/
e http://web.archive.org/web/20220316134051/http://web.archive.org/screenshot/https://viciodapoesia.com/2016/12/28/teixeira-de-pascoaes-elegia-de-amor/ . Altro URL dove è possibile leggere la poesia è https://triplov.com/poesia/Teixeira-de-Pascoaes/Maranus/Elegia-do-amor.htm ,
Wayback Machine:
http://web.archive.org/web/20220316134710/https://triplov.com/poesia/Teixeira-de-Pascoaes/Maranus/Elegia-do-amor.htm
e
http://web.archive.org/web/20220316134715/http://web.archive.org/screenshot/https://triplov.com/poesia/Teixeira-de-Pascoaes/Maranus/Elegia-do-amor.htm .
Segnaliamo, infine, Internet Archive, dove agli URL
https://archive.org/details/obrascompletaspo01pascuoft/page/n9/mode/
e https://archive.org/details/obrascompletaspo02pascuoft/page/4/mode/2up è possibile scaricare tutta l'opera poetica di Teixeira de Pascoaes. In particolare, per quanto riguarda la *Elegia do Amor* essa è visionabile alle pp. 172-182 del documento al secondo URL qui appena fornito.
Seguono ora due caricamenti su Internet Archive di due file mp4 scaricati da YouTube che riguardano la canzone *Elegia do Amor* cantata dalla fadista Teresa Tarouca, il cui testo utilizza parti del sonetto di Teixeira de Pascoaes. In ciascuno dei due caricamenti, il primo URL riguarda la piattaforma YouTube dal quale è stato compiuto il download, i successivi due il nostro caricamento su Internet Archive. Da segnalare, inoltre, che alla base di ogni singola unità dei tre URL abbiamo inserito sul presente file Word anche il file mp4 che può essere scaricato da YouTube o da Internet Archive (agli URL di Internet Archive https://archive.org/details/elegia-do-amor-pierina-farina-teixeira-de-pascoaes e https://ia601508.us.archive.org/21/items/elegia-do-amor-pierina-farina-teixeira-de-pascoaes/ELEGIA%20DO%20AMOR%2C%20PIERINA%20FARINA%2C%20TEIXEIRA%20DE%20PASCOAES.pdf è stata caricata anche una versione PDF del presente file nel quale non è possibile utilizzare i due file mp4 di cui abbiamo appena detto)].

https://www.youtube.com/watch?v=H9YLAoMoim0 , Internet Archive:
https://archive.org/details/teresa-tarouca-elegia-do-amor-fado-1983-480p e
https://ia601508.us.archive.org/23/items/teresa-tarouca-elegia-do-amor-fado-1983-480p/TERESA%20TAROUCA%20Elegia%20do%20Amor%20Fado%201983_480p.mp4

TERESA TAROUCA Elegia do Amor Fado 1983_480p.mp4

https://www.youtube.com/watch?v=sKkk7vjSdeg, Internet Archive:
https://archive.org/details/teresa-tarouca.-teixeira-de-pascoaes-pierina-farina-fado-repubblicanesimo-geopol e
https://ia601409.us.archive.org/14/items/teresa-tarouca.-teixeira-de-pascoaes-pierina-farina-fado-repubblicanesimo-geopol/Teresa%20Tarouca.%20Teixeira%20de

%20Pascoaes%2C%20Pierina%20Farina%2C%20%20Fado%2C
%20Repubblicanesimo%20Geopolitico%2C%20saudosismo%2C%20%20Elegia%20do
%20Amor_360p.mp4

Teresa Tarouca. Teixeira de Pascoaes, Pierina Farina, Fado, Repubblicanesimo Geopolitico, saudosismo, Elegia do Amor

Segnaliamo, infine, che nelle due ultime pagine del presente file Word abbiamo anche inserito due foto di Pierina Farina in ricordo della quale l'*Elegia do amor* e il presente lavoro sono dedicati (si tratta sempre della stessa immagine, la sola differenza è che la seconda è stata ritoccata) e alla base di ciascuna delle due immagini abbiamo inserito gli URL di Internet Archive attraverso i quali si può prendere visione di queste due foto caricate direttamente senza aprire il presente documento documento Word.

Pierina Farina

15 agosto 1932 – 28 novembre 2021

https://archive.org/details/pierina-farina-fado-elegia-do-amor-teixeira-de-pascoaes-saudade-eterotopia e https://ia601403.us.archive.org/28/items/pierina-farina-fado-elegia-do-amor-teixeira-de-pascoaes-saudade-eterotopia/Pierina%20Farina%2C%20fado%2C%20Elegia%20do%20Amor%2C%20Teixeira%20de%20Pascoaes%3B%20saudade%2C%20eterotopia%20.jpg

Pierina Farina
15 agosto 1932 – 28 novembre 2021

https://archive.org/details/pierina-farina-fado-elegia-do-amor-teixeira-de-pascoaes e https://ia601405.us.archive.org/8/items/pierina-farina-fado-elegia-do-amor-teixeira-de-pascoaes/PIERINA%20FARINA%2C%20FADO%2C%20ELEGIA%20DO%20AMOR%2C%20Teixeira%20de%20Pascoaes.jpg